

Os desafios da sustentabilidade financeira na mídia independente: uma análise a partir da Ponte Jornalismo e do Jornalistas Livres¹

Jaqueline Suarez BASTOS²

RESUMO

Influenciadas pelas dinâmicas digitais e pelo contexto sociopolítico, as mídias independentes propõem outra concepção de funcionamento, acionando novas lógicas de organização e financiamento em busca de mais autonomia. O significado do termo – independente –, no entanto, assume compreensões e materialidades distintas. O foco deste trabalho é refletir sobre o sentido de independência construído pelos coletivos Ponte Jornalismo e Jornalistas Livres e como este se relaciona com suas fontes de financiamento. Estabelecemos como procedimentos metodológicos a revisão bibliográfica, o levantamento documental e a entrevista em profundidade.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia independente; Financiamento; Economia política; Autonomia; Comunicação alternativa.

INTRODUÇÃO

O debate sobre novos modelos de negócios no campo da comunicação não é recente, mas se intensificou nos últimos anos, trazendo consigo preocupações e questionamentos à linha tênue existente entre financiamento e autonomia. Os elos econômicos, políticos ou institucionais que fazem parte da estrutura tradicional das empresas jornalísticas produzem implicações que afetam ou, ao menos, constroem o exercício de uma comunicação livre e independente. Essa premissa é a base para o surgimento de vários coletivos, que se apresentam e/ou são reconhecidos como mídias independentes. Tais grupos buscam atuar na contramão da lógica convencional, adotando formas alternativas de organização e financiamento, visando maior autonomia editorial.

Nota-se dois grandes momentos de discussões sobre o tema no Brasil desde a virada do século: o primeiro marcado pela atuação do Centro de Mídia Independente (CMI) no país e no exterior, por volta dos anos 2000, e outro mais atual, pautado por

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: suarez.jaque@gmail.com.

iniciativas de mídia que vêm surgindo e/ou ganhando visibilidade na esteira das grandes mobilizações sociais que explodiram no Brasil em 2013 e reverberaram nos anos posteriores. Além disso, esse conjunto diverso é ainda caracterizado e possibilitado – tal como é – pelo desenvolvimento tecnológico e pelo crescente acesso à internet, que amplia não só as oportunidades para a circulação de conteúdo, como também favorece a criação e organização de grupos e hospeda, de formas variadas, os processos de produção desses (FIGARO, 2018).

Nossa pesquisa integra este segundo momento. A proposta teve como foco a compreensão da noção de independência formulada e reivindicada por duas iniciativas: Ponte Jornalismo e Jornalistas Livres. O objetivo geral da pesquisa, concluída em 2022, foi tensionar a noção de independência sob o viés da autonomia e sustentabilidade econômica em coletivos de mídia independente. No presente trabalho, nosso enfoque está localizado nas fontes de financiamento desses dois grupos, relacionando-as à compreensão, singular, de independência apresentada por cada um.

METODOLOGIA

Neste artigo, buscamos focalizar o debate em torno da noção de independência particular da Ponte Jornalismo e do Jornalistas Livres e como essa se relaciona com as fontes de financiamento adotadas e/ou rejeitadas. Nosso objetivo não é fazer um estudo comparativo, mas sim apontar e caracterizar esse cenário de conceitos e práticas diversos. Nesse sentido, são fundamentais as contribuições do Mapa do Jornalismo Independente (2016), da Agência Pública, o levantamento da Sembramedia (2016) e a pesquisa liderada por Figaro (2018). Esses estudos são pioneiros ao sistematizar e/ou caracterizar a mídia independente, sob uma perspectiva de reconhecimento da diversidade de experiências contidas sob o guarda-chuva da mídia independente.

Utilizamos como instrumentos metodológicos a revisão bibliográfica, o levantamento documental e a entrevista em profundidade. Como ressalta Duarte (2015), as entrevistas em profundidade permitem uma abordagem de caráter qualitativo, centrada no valor da experiência humana. Neste estudo, foram realizadas quatro entrevistas com colaboradores da Ponte Jornalismo e três com membros do Jornalistas Livres. Algumas conversas foram presenciais e outras por videochamada, todas conduzidas a partir de um roteiro semiestruturado.

O roteiro foi organizado a partir de eixos temáticos, com base na experiência relatada nos diários de campo de Whyte (2005). Assim, foram criados seis eixos que abarcavam temas-chave em relação ao objetivo da pesquisa: perfil da fonte, história do grupo, entendimento sobre o significado do termo, autonomia editorial, financiamento e implicações entre liberdade e precariedade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pluralidade das lutas no contexto latino-americano, segundo Sel (2009), foi motor para a emergência de experiências singulares de comunicação em cada território/período, produzindo, conseqüentemente, uma diversidade de terminologias. Ainda que se identifiquem e carreguem características próprias, esse conjunto plural é parte de um mesmo fenômeno: a comunicação alternativa (SEL, 2009), compreendida como uma experiência alternativa aos processos dominantes, afirmada na gestão de meios, na produção e circulação de conteúdos. Em outras palavras, essas experiências diversas podem ser compreendidas como parte de um mesmo movimento de contraponto, disputa e possibilidade frente ao sistema dominante (GRINBERG, 1987; FESTA, 1986; DOWNING, 2002; KUCINSKI, 2003; PERUZZO, 2009; GIANNOTTI, 2016).

Como expressões dessa comunicação outra, realizada fora do campo estatal-empresarial, podemos encontrar uma longa e diversa lista de adjetivos, cujas práticas e epistemologias não podem ser tomadas como sinônimas (CUSTÓDIO, 2016). Integram, ainda assim, um movimento (SEL, 2009) de produção de alternativa (e resistência). Comunicação alternativa, comunitária, popular, independente, livre etc. Cada uma dessas denominações representa uma gama diversa e plural de experiências. Sob o guarda-chuva da mídia independente encontram-se iniciativas diversas que, ainda que compartilhem o uso do termo em sua autoidentificação, apresentam entendimentos e práticas, por vezes, distintas sobre o que é ‘ser independente’.

No levantamento liderado por Figaro (2018), que analisou 70 iniciativas nativas digitais independentes, os projetos foram subdivididos em núcleos a partir de suas características. Dentro dos seis núcleos constituídos, foi feita uma nova subdivisão, chegando ao apontamento final de 17 categorias. O estudo está entre os primeiros a propor algum tipo de sistematização das mídias independentes. Ponte Jornalismo e Jornalistas Livres fazem parte dessa sistematização. Segundo o estudo, ambas iniciativas integram

um núcleo caracterizado por forte presença de marcadores jornalísticos, além da identificação como mídias alternativa e/ou independente. No entanto, são alocados em dois subgrupos distintos.

O conjunto no qual a Ponte está incluída é descrito como “identificado com a deontologia tradicional do jornalismo. Proclama-se jornalismo independente, com apuração aprofundada, desvinculado de interesses comerciais e políticos” (FIGARO, 2018, p. 43). Além da Ponte, veículos como Agência Pública e Repórter Brasil também estão alocados neste grupo. O outro conjunto, formado por grupos como Jornalistas Livres, Mídia Ninja e Democratize, é compreendido como:

um jornalismo de novo tipo, nascido essencialmente das práticas do movimento social, das mobilizações populares; quem mostrar um outro ponto de vista sobre os acontecimentos. Apoiam-se numa prática que amplia as vozes presentes no discurso jornalístico (FIGARO, 2018, p. 43).

Em outras palavras, podemos notar, a partir da análise da Ponte Jornalismo e do Jornalistas Livres duas tendências distintas de mídias independentes. A primeira alinhada ao exercício do jornalismo nos moldes tradicionais, porém sem as amarras econômicas e políticas típicas das redações da mídia comercial. Outra construída sob um viés ativista da comunicação, de uso do jornalismo – e de outros produtos da comunicação – como instrumento de atuação e luta política.

PRINCIPAIS RESULTADOS

A mídia independente é um fenômeno com definições e características, constantemente, revisitadas e reformuladas por seus realizadores cotidianamente. Buscamos elucidar uma compreensão específica do termo, relacionando-o a um tipo de iniciativa que emergiu na contemporaneidade, em um contexto de ascensão digital, modificações no jornalismo profissional, concentração de meios e instabilidade sociopolítica. A partir do observado, podemos afirmar que não há uma mídia independente uníssona. Há, pelo contrário, um conjunto amplo e diverso que reivindica o uso do termo, por vezes para afastar-se e diferenciar-se dos grupos empresariais. Essas iniciativas pautam, em seus discursos e práticas, novas formas de organização, produção e financiamento.

Esforços recentes de investigação na área, especialmente a liderada por Figaro (2018), indicam a possibilidade de nucleações a partir da mídia independente. Entendemos que nossa contribuição reside no aprofundamento de investigação acerca de duas vertentes específicas, representadas em nosso estudo pela Ponte Jornalismo e Jornalistas Livres.

A autonomia editorial e o financiamento são instâncias que se relacionam e se afetam, mutuamente. A histórica influência que a injeção de recursos produz na mídia hegemônica impulsiona uma busca por alternativas. Encontrar formas de garantir sustentabilidade sem comprometer ou violar os princípios – singulares de cada projeto – de independência é uma busca comum às mídias independentes.

Para muitas iniciativas, especialmente Ponte Jornalismo e Jornalistas Livres, o financiamento via leitores é compreendido como a origem mais isenta e regular de recursos. Porém, na prática, esse tipo de receita costuma não ser suficiente para custear a sobrevivência do veículo. Assim, outras formas de conseguir verba são acionadas, tendo origem em atores e organizações que, por vezes, são velhos conhecidos do modelo econômico adotado pelo sistema empresarial de mídia. Quais deles são capazes de comprometer a independência? Essa é uma questão respondida a partir da noção de independência formulada por cada projeto.

Ponte Jornalismo e Jornalistas Livres apresentam compreensões bastante diferentes (e, até opostas) entre fontes aceitáveis e isentas. Para a Ponte, os recursos advindos de instituições filantrópicas ou de grandes empresas não comprometem sua independência, porque não há interferência no conteúdo produzido. Argumento semelhante é usado pelo Jornalistas Livres para assegurar sua independência frente à contribuição de parlamentares em campanhas de financiamento coletivo. Para o coletivo, enquanto representantes do Estado, os políticos podem e devem contribuir com projetos de comunicação alternativa.

A Ponte Jornalismo se estrutura a partir de um modelo diversificado de fontes de recursos, mantendo um modelo de negócio que tem a diversidade de financiamento como estratégia de sustentabilidade e, também, de autonomia. Já o Jornalistas Livres tem uma estruturação financeira mais simples, apoiada, principalmente, em campanhas de financiamento coletivo. A avaliação sobre as fontes de recursos aceitáveis tem origem no propósito do coletivo.

Como argumentamos, a Ponte Jornalismo tem um modelo de organização que se assemelha à deontologia tradicional do jornalismo e isso manifesta-se na lógica por trás de sua estruturação (equipe, produção, gestão financeira etc.). Já o coletivo Jornalistas Livres se apresenta como um espaço de expressão ativista, propondo outra lógica de organização e sustentação financeira. Assim, observamos duas formas distintas de pensar financiamento, que se relaciona diferentemente com modelo de organização e funcionamento adotado, e que resulta do propósito e da noção de independência construída e reafirmada, coletivamente, no cotidiano.

REFERÊNCIAS

ASSIS, E.; CAMASÃO, L.; SILVA, M.; CHRISTOFOLETI, R. **Autonomia, ativismo e colaboração:** contribuições para o debate sobre a mídia independente contemporânea. Revista Pauta Geral, Ponta Grossa, vol. 4, n.1, p.3 - 20, Jan/Jun, 2017.

BENNETT, James; STRANGE, Niki (Eds.). **Media Independence.** Working with freedom or working for free?. Routledge. Londres, 2015.

BRAIGHI, Antônio Augusto; CÂMARA, Marco Túlio. **O que é Midiativismo?** Uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 25-42.

DOWNING, John. **Mídia Radical:** rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo, SP: Ed. Senac, 2002. DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In.:

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

FESTA, Regina e LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (orgs.). **Comunicação Popular e Alternativa no Brasil.** São Paulo, Paulinas, 1986.

FIGARO, Roseli (Eds.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia.** São Paulo: Eca-USP, p. 245. 2018.

GIANNOTTI, Claudia. **Experiências em comunicação popular no Rio de Janeiro ontem e hoje.** Uma história de resistência nas favelas cariocas. Rio de Janeiro, Núcleo Piratininga de Comunicação, 2016.

GRINBERG, Máximo. **A comunicação alternativa na América Latina.** Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

KARPPINEN, Kari; MOE, Halvard. **What we talk about when talk about “media independence”.** Javnost: The Public, v. 23, nº 2, p. 105–119, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13183222.2016.1162986>. Acesso em: 25/07/2019.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor**. Revista ECO-Pós, Rio de Janeiro, v.12, n.2, 2009.

PÚBLICA, Agência. **O mapa do jornalismo independente**. 2016. Disponível em: <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/>. Acesso em: 20/07/2019

SEL, Suzana. Comunicación alternativa y políticas públicas en el combate latino-americano. In SEL, Suzana (Org.). **La comunicación mediatizada**: hegemonías, alternativas, soberanías. Buenos Aires, Clacso. 2009.

SEMBRAMEDIA. **Ponto de Inflexão**. Impacto, Ameaças e Sustentabilidade: um Estudo dos Empreendedores Digitais Latino-Americanos. 2016. Disponível em: <http://data.sebramedia.org/?lang=pt-br>. Acesso em: 20/06/2020.

WHYTE, William. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.